

A CONCEPÇÃO DE TREINADORES “EXPERTS” BRASILEIROS ACERCA DO PROCESSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL NA FORMAÇÃO DESPORTIVA A LONGO PRAZO DO JOGADOR DE VOLEIBOL

BRAZILLIAN EXPERT COACHES' CONCEPTIONS ABOUT FUNCTIONAL SPECIALIZATION PROCESS IN LONG TERM SPORT FORMATION OF VOLLEYBALL PLAYERS

Michel Milistetd*
Isabel Mesquita**
Juarez Vieira do Nascimento***
Antônio Pereira de Souza Sobrinho*

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a concepção de treinadores *experts* acerca do processo de especialização funcional na formação desportiva a longo prazo de jogadores de voleibol. A amostra do estudo foi composta por 10 treinadores *experts* brasileiros. Os sujeitos apresentaram idade média de 45 anos (± 13 anos e oito meses) e 24 anos e oito meses (± 12 anos e um mês) de experiência profissional, sendo todos licenciados em Educação Física. Os dados foram recolhidos por meio da aplicação de um protocolo de entrevista estruturada e de resposta aberta, baseada na de Fernandes (2004). A sua adaptação de conteúdo à realidade sociocultural e desportiva brasileira foi realizada pelo método de peritagem. O tratamento da informação foi realizado por meio da análise de conteúdo, com o recurso à interpretação lógico-semântica das ideias prevalentes no *corpus* das entrevistas. A fiabilidade de codificação foi assegurada pela percentagem de acordos, para o mesmo codificador e codificadores distintos, situando-se os valores registrados entre 95% e 100%. Os treinadores não chegaram a um consenso quanto à idade ideal para iniciar o processo de especialização funcional, e assim basearam, em ordem de relevância, nas capacidades físicas, técnicas e psicológicas dos jovens atletas. Os resultados revelaram a necessidade de realizar um treino específico, principalmente para os jogadores levantador e líbero. Relativamente às qualidades dos jogadores de alto rendimento, os treinadores brasileiros também priorizaram, em ordem de relevância, as capacidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas.

Palavras-chave: Esportes. Voleibol. Treinadores.

INTRODUÇÃO

A pesquisa centrada no estudo da formação desportiva do atleta a longo prazo (BAKER, 2003; BALYI, 2001; BERMUDEZ; CHAURRA, 2002; BLOOM, 1985; COTÊ; HAY, 2002; GIRÁLDEZ, PATIÑO e SOIDÁN, 2006) tem desenvolvido conhecimento pertinente em torno do faseamento da formação desportiva numa perspectiva de longo prazo,

resultando como nota dominante a crítica à ênfase da especialização funcional precoce, a qual cumpre objetivos de rendimento competitivo nas etapas iniciais de formação.

A esta busca de rendimento não é alheio o incremento da *performance* desportiva decorrente da evolução do conhecimento oriundo das diferentes ciências do desporto em geral e do conteúdo das modalidades em particular. Nomeadamente, a evolução do

* Mestre em Ciências do Desporto.

** Doutora em Ciências do Desporto, Professora da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

*** Doutor em Ciências do Desporto, Professor da Universidade Federal de Santa Catarina.

regulamento é vista como uma base indispensável na definição da estrutura funcional dos desportos, sendo um referencial das alterações na configuração do jogo. No voleibol, as evoluções têm-se caracterizado por exigências técnicas e táticas, com consequentes repercussões ao nível da especialização funcional dos jogadores (CÉSAR; MESQUITA, 2006).

No ano de 1989, a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) anunciou uma série de alterações nas regras da modalidade. Na composição das novas regras destacam-se o novo sistema de pontuação (*Rally-Point System*) e a criação do jogador líbero (FEDERATION INTERNATIONALE DE VOLLEYBAL, 1999; MOUTINHO, 2000). A partir do novo sistema de pontuação, Theule e Theule (2000) escrevem que o tempo total de jogo de voleibol foi claramente diminuído, de modo que uma partida que tinha um tempo médio de 145 minutos, passou a ter 85 minutos de duração. Tais dados, segundo os autores, vieram a influenciar fortemente a preparação dos jogadores, pois através das novas alterações surgem tendências no desenvolvimento da modalidade, como a importância da preparação física dos jogadores (cada vez mais potentes), assim como a necessidade de serem mais versáteis, portadores de uma técnica individual mais apurada. A estatura também demonstra grande evolução, principalmente a dos jogadores centrais, que possuem as principais funções, as de ataque e as de bloqueio.

No que se refere à estrutura e conteúdo da modalidade, observa-se um jogo muito mais veloz e preciso, baseado em jogadores tendencialmente mais especializados em suas funções (DIAS, 2004). João et al. (2006) afirmam que, ao longo dos anos de formação, as funções dos jogadores vão evoluindo até à sua especialização máxima nas equipes de alto nível, por meio da otimização das características individuais de cada atleta.

Ao longo da evolução da modalidade, são reconhecidos três tipos de atacantes, que, em função da zona ofensiva desempenhada, são designados como: *ponta*, atuando geralmente no lado esquerdo da quadra; *central* ou *atacante de meio*, que atua no centro da quadra; e o *oposto* ou *atacante de saída*, que atua no lado direito da

quadra, fazendo a diagonal contrária do levantador (MOUTINHO, 2000).

Apesar do reconhecimento da estatura como fator importante para o voleibol, a utilização de jogadores com funções cada vez mais especializadas tem vindo a facilitar a inclusão de um jogador com menor estatura na equipe, que é o líbero. João et al. (2006) apontam as seguintes características físicas e táticas para este jogador: velocidade de reação, velocidade de deslocamento, coordenação, agilidade, flexibilidade, resistência anaeróbia, força explosiva e elástica explosiva, potência de membros inferiores, bom domínio da tática individual e de grupo, tanto da defesa como na recepção, com grande capacidade de dirigir a bola para o levantador. João et al. (2006), complementarmente, definem-no como um jogador estudioso, exigente, que, graças ao seu equilíbrio emocional, relaxado e reflexivo, ainda que lutador e batalhador, tem capacidade resolutiva e oportuna para superar a intensidade e as dificuldades competitivas, conjugando o rigor, a ordem e a racionalidade em todas as suas ações.

Outro jogador que não recebe grande destaque pela estatura é o levantador. Dias (2004) refere que as características de um bom levantador devem ser: o domínio do procedimento técnico-tático de passe, a adaptação às situações adversas do jogo, e ainda elevada agilidade, imprevisibilidade e precisão. Queiroga (2005) relaciona a excelência no levantamento com as características de confiança, liderança, gestão, estrategismo, comunicação, além de uma boa visão de jogo e elevada capacidade tática. Mesquita e Graça (2002) afirmam que o levantador deve ter capacidade de liderança, inteligência, não-egoísmo e espírito de grupo, qualidades que devem ser aliadas a uma elevada capacidade técnica e tática.

Através do incremento da consistência e qualidade dos levantamentos, nos últimos anos surgiram atacantes mais rápidos na zona central da rede, atacantes mais potentes nas zonas laterais (zona 4 e 2), com recurso sistemático ao ataque de fundo de quadra. Especificamente na zona 2, surge o jogador oposto, com elevada variabilidade de tempos de ataque, em

combinação com o jogador central (CÉSAR; MESQUITA, 2006).

Pela evolução natural do jogo, tem-se verificado uma maior necessidade de atacar afastado da rede, em busca da alternância de soluções ofensivas ante as fortes oposições criadas pelo bloqueio ao ataque da rede (DIAS, 2004). Desta maneira, o jogador oposto é o mais utilizado para estes tipos de ataque, situando-se na zona 1, onde se constitui como prioritário nas manobras ofensivas das equipes de elevado nível de rendimento competitivo (CÉSAR; MESQUITA, 2006). Em relação às características deste jogador, Selinger (1986) afirma que o oposto deve ter grande potência e resistência, em conjunto com persistência e autoconfiança, para fazer o maior número de pontos da equipe.

Selinger (1986) também descreve a característica de outro jogador responsável pela estrutura ofensiva do jogo: o central. Para o autor, este deve possuir resistência física e mental, sendo persistente em todas as suas ações, exigindo assim grande alcance, aliado a velocidade e variedade técnica, para assumir suas funções de exímio atacante e bloqueador. González (2001) realça que o jogador central, no decorrer da evolução do jogo, tornou-se especialista nas posições de frente, por motivo de o líbero normalmente substituí-lo nas posições de fundo de quadra.

Em relação ao jogador *ponta*, Selinger (1986) geralmente o descreve como o maior saltador da equipe, tendo que possuir um ataque potente e excepcional habilidade de ataque e recepção. Assim, o jogador *ponta* deve demonstrar grande confiança e criatividade, pois para ele são atribuídas as principais condições de ataque.

Em uma investigação acerca da formação desportiva no voleibol português, Fernandes (2004) descreve as principais qualidades que os jogadores de diferentes postos devem apresentar, atribuídas pelos treinadores portugueses desta modalidade. Sendo esse autor, o levantador deve ser dotado de elevada precisão técnica, ser um líder, um estrategista e ter grande estabilidade emocional. O jogador *ponta* deverá, além de bom recebedor, ser um atacante muito versátil e resistente; para isso deve apresentar uma elevada autoconfiança e estabilidade

emocional. Ao jogador *central* são exigidas elevada estatura em conjunto com uma aptidão especial para o bloqueio, além de ter de apresentar altos níveis motivacionais. O jogador oposto, por sua vez, deve ter total domínio do ataque e das diferentes zonas de jogo e ser dotado de elevados níveis de autoconfiança e persistência. Por último, são referidas as qualidades exigidas ao líbero, que, além de ter mestria técnica de recepção e defesa, deve ser um líder na zona defensiva.

O momento mais indicado para ser realizado o processo de especialização funcional nos desportos coletivos ainda é indefinido. A literatura consultada apenas descreve que deva ocorrer depois de realizada toda uma formação de base e multilateral (BAKER, 2003; BALYI, 2001; BARBANTI, 2005; BERMUDEZ; CHAURRA, 2002; BOMPA, 2000; COTÊ, 1999; COTÊ; HAY, 2002; MARTIN, 1999; WEINECK, 1999).

A partir de um conjunto de estudos retrospectivos da carreira desportiva de atletas de elite, Cotê (1999), Cotê e Hay (2002) e Cotê, Baker e Abernethy (2003) identificaram três etapas: (1) a etapa da experiência desportiva diversificada, situada na faixa etária entre os 6 e os 12 anos, em que a pluralidade de vivências motoras é dominante; (2) a etapa intermédia, situada entre os 13 e os 15, a qual se caracteriza pela prática de uma (quando muito duas) modalidade específica; e por fim, a terceira etapa, que se inicia por volta dos 16 anos, quando o comprometimento com a modalidade é total, através de uma prática deliberada e sistemática.

No voleibol, de maneira empírica, parece haver uma tendência de a especialização funcional dos jogadores ocorrer a partir da terceira etapa. Começa pelo levantador, em consequência das necessidades de suas funções de virtuosismo técnico, estrategismo, liderança e outras, seguindo-se os pontas, os centrais, o oposto e o líbero (MAIA; MESQUITA, 2006; MOUTINHO; MARQUES; MAIA, 2003).

Deste modo, o presente estudo teve como objetivo analisar a concepção de treinadores *experts* brasileiros acerca dos requisitos do processo de especialização funcional na formação desportiva a longo prazo de jogadores de voleibol, além das características aplicadas a

cada um dos postos e da necessidade do treino diferenciado.

MATERIAL E MÉTODOS

Participantes

Dez participantes (n=10) fizeram parte do presente estudo, tendo sido a sua seleção baseada nos seguintes critérios: serem reconhecidos pelos pares da comunidade desportiva na qual estão inseridos, serem treinadores com *curriculum* profissional de destaque na categoria infanto-juvenil e terem todos elevada experiência profissional. Este último critério baseia-se no fato de a literatura (BURDEN, 1990) considerar que o treinador atinge a fase de estabilização a partir de cinco anos de experiência profissional. No presente estudo os componentes da amostra apresentaram, em média, 24 anos e oito meses (± 12 anos e um mês) de experiência profissional como treinadores de voleibol, e uma idade média de 45 anos (± 13 anos e oito meses), possuindo todos licenciatura plena em Educação Física.

A amostra compreendeu sete treinadores presentes no campeonato brasileiro de seleções estaduais, divisão especial – 2006, da categoria infanto-juvenil masculino, um membro da comissão técnica da seleção nacional infanto-juvenil masculina e dois treinadores da mesma categoria de clubes conceituados dos estados do Paraná e Santa Catarina que estavam presentes na referida competição.

Procedimento de recolha de dados

Os dados foram recolhidos por meio da aplicação de entrevista estruturada de resposta aberta. O protocolo baseou-se na entrevista de Fernandes (2004), a qual visava recolher informações sobre as concepções de treinadores *experts*, relativamente à formação desportiva do jogador de voleibol em Portugal. Em virtude de a presente amostra ser brasileira e por essemotivo se referenciar a uma realidade sociocultural e desportiva distinta, a entrevista sofreu algumas adaptações de conteúdo, validadas pelo método de peritagem. Na validação fizeram parte o investigador principal e um perito na área do voleibol, doutor em Ciências do Desporto e com vasta experiência na área de treinamento desportivo, no contexto

da formação de jogadores para o alto rendimento. As entrevistas ocorreram durante a realização do campeonato brasileiro de seleções, sendo realizadas num ambiente tranquilo, de forma a assegurar a privacidade e a confiança para o aprofundamento das questões. As entrevistas foram gravadas por meio de um gravador digital da marca SONY, modelo ICD-P Séries, sendo posteriormente transcritas e processadas para o computador. Um termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado pelos participantes.

Procedimento de análise dos dados

Na transcrição das respostas dos treinadores, respeitou-se o discurso oral e a gramaticalidade, de forma a garantir a preservação do conteúdo semântico das respostas dos entrevistados. Para garantir a fiabilidade da transcrição, realizou-se o procedimento sistemático de audição e confirmação de pequenos segmentos de texto (de palavras a pequenas frases). A construção da grelha de codificação baseou-se primeiramente na de Fernandes (2004), com suporte da literatura da especialidade (BERTUCCI, 1989; BAKER, 2003; BALYI, 2001; BARBANTI, 2005; BOMPA, 2000; BRITO; FONSECA; ROLIM, 2004; CÉSAR; MESQUITA, 2006; COACHES Manual Level III, 1997; FEDERATION INTERNATIONALE DE VOLLEYBAL, 1989; MESQUITA; GRAÇA, 2002; MOUTINHO, 2000; QUEIROGA, 2005; WEINECK, 1999). Na medida em que a análise das entrevistas suscitou a integração de novas categorias, a sua configuração final foi garantida pela informação patente no “*corpus*” das entrevistas. A garantia de que as categorias consideradas eram representativas dos problemas em estudo foi estabelecida pelo confronto e discussão de dois peritos.

A grelha de codificação assumiu as seguintes categorias e subcategorias:

1. Requisitos do processo de especialização;
 - 1.1 Indicadores físicos;
 - 1.2 Indicadores psicológicos;
 - 1.3 Indicadores técnicos;
2. Treino específico por posto ou situação particular;
 - 2.1 Levantador;
 - 2.2 Líbero;
 - 2.3 Ponta;
 - 2.4 Central;
 - 2.5 Jogadores com dificuldade técnica;
3. Características por postos;

3.1 Características físicas; 3.2 características técnicas; 3.3 características táticas; 3.4 Características psicossociais.

A partir da análise de conteúdo, a qual foi subordinada ao método de interpretação lógico-semântica das ideias prevalentes, formaram-se 429 unidades de registro. No processo de codificação, as unidades de análise foram categorizadas de forma consistente, em cada uma das categorias da grelha de análise, de forma a assegurar a sua exclusividade e exaustividade. Estes procedimentos permitiram anular algumas das ambiguidades existentes no processo de categorização, facilitando, conseqüentemente, a sua interpretação e conferindo objetividade e rigor ao processo de codificação. O trabalho de condensação da informação, de sumarização e síntese, permitiu o aprofundamento na concepção dos treinadores, na identificação das similaridades e pontos de discordância. Por fim, selecionou-se um conjunto de excertos das entrevistas, no sentido de elucidar o pensamento, as perspectivas e as indicações dos treinadores, sendo apresentadas nos resultados a título exemplificativo.

No sentido de se obter maior objetividade na referência a cada uma das categorias pelos treinadores, recorreu-se à estatística descritiva com frequências e percentagens de ocorrência.

Para verificação da fiabilidade de codificação intrainvestigador e inter-investigadores foram considerados 60% do total de unidades de registro resultantes da análise de conteúdo (257 de 429). Estes valores são substancialmente superiores ao limite mínimo aceitável (10%) para este procedimento, proposto pela literatura especializada (TABACCHINICK; FIDELL, 1996). Constataram-se valores de concordância entre 95% e 100%, acima dos valores mínimos de referência (80%) apontados na literatura (VAN DER MARS, 1989).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Requisitos do Processo

Ao se analisar a literatura especializada (BERTUCCI, 1989; COACHES Manual Level III, 1997; BAKER, 2003; BALYI, 2001; BARBANTI, 2005; BOMPA, 2000; BRITO et

al., 2004; CÉSAR; MESQUITA, 2006; FEDERATION INTERNATIONALE DE VOLLEYBAL, 1989; MESQUITA; GRAÇA, 2002; MOUTINHO, 2000; QUEIROGA, 2005; WEINECK, 1999) encontram-se similaridades nas recomendações dadas ao início da especialização funcional dos atletas em geral. A terceira etapa de formação desportiva, que se inicia por volta dos 16 anos e na qual o comprometimento com a modalidade é total (COTÊ, 1999, COTÊ; HAY, 2002; COTÊ; BAKER; ABERNETHY, 2003), é a mais indicada para o início deste processo, em que o desempenho por setores (coletivo) e por postos (individual) começa a ser valorizado, depois de toda a formação de base ter sido adquirida.

Buscou-se conhecer a opinião dos treinadores a respeito da idade em que deve ser iniciada a especialização dos jogadores em postos específicos: se consideram este momento temporalmente idêntico para os diferentes postos e quais os principais indicadores para iniciar este processo.

Na análise das respostas dos participantes do estudo não se chega a um consenso quanto à idade ideal para iniciar a especialização. Três treinadores (T1; T3; T8) defendem a faixa etária dos 14 aos 16 anos; dois treinadores (T7; T9) referem que o processo deve ser realizado depois dos 16 anos; e os demais treinadores não especificam idade alguma, alegando que a especialização funcional não tem período determinado, devendo ser realizada ao longo do tempo e apenas concretizada quando o atleta apresenta características para um posto específico, como é demonstrado pelo excerto do treinador 4:

“A partir do momento em que se identifica fatores específicos sejam eles técnicos, psicológicos ou funcionais na criança, existe a necessidade de evolução e adaptação da criança dentro do sistema, e, aí sim, encaminhar a orientação específica na posição em que mais ela se sinta a vontade para desenvolver a habilidade exigida. Cada posição tem o seu momento e cabe ao profissional identificar na criança o nível que ela se encontra.” [Treinador 4]

Com relação aos momentos da especialização nos diferentes postos, Fernandes (2004) declara não

encontrar documentos que tratem deste assunto, tendo os treinadores que tomar esta decisão com base na sua experiência e intuição. O mesmo autor refere que a sua amostra, formada por seis treinadores portugueses de alto nível, aponta para uma especialização ordenada cronologicamente, sendo iniciada com o levantador, seguindo-se o jogador de ponta, o central, o oposito e o líbero. Essas referências também são apresentadas por Maia e Mesquita (2006). A amostra do presente estudo não definiu uma sequência temporal para os diferentes postos, apenas apresentou uma tendência (referenciada por 6 treinadores) de que o levantador deva ser o primeiro posto a ser definido, pelas particularidades técnicas que este jogador deve apresentar, aliadas às exigências específicas do jogo nesta função nas primeiras categorias de formação.

“Quando inicia o 4x2, a gente já divide as crianças que têm mais habilidade no toque, para levantar, os outros vão passar um bom tempo ainda atacando a bola alta na ponta, até a gente colocar eles para as outras posições[...]”
[Treinador 1]

Sendo inconclusiva a determinação cronológica da especialização funcional dos jovens jogadores, buscou-se conhecer os principais indicadores que norteiam as opções dos treinadores na definição dos postos específicos dos atletas.

A Tabela 1 apresenta os indicadores considerados como os principais pelos treinadores na orientação dos jogadores em relação aos seus respectivos postos.

Tabela 1 - Valores absolutos e relativos das categorias na dimensão de requisitos do processo de especialização funcional.

Treinadores	Indicadores físicos	Indicadores psicológicos	Indicadores técnicos
T1	4	3	5
T2	5	-	7
T3	7	6	4
T4	-	6	10
T5	10	-	5
T6	4	7	3
T7	7	-	8
T8	9	3	-
T9	7	7	8
T10	9	-	5
Total	62 (41,6%)	32 (21,5%)	55 (36,9%)

De acordo com a Tabela 1, é visto que os entrevistados valorizam principalmente indicadores físicos (n=62) e técnicos (n=55) que os atletas tendem a apresentar ao longo da sua evolução, como a base para a orientação dos jovens para os postos mais adequados às suas características.

A estatura e os aspectos condicionais e coordenativos, nomeadamente a força (9 treinadores), a velocidade (7 treinadores) a agilidade (7 treinadores) e a capacidade de salto (5 treinadores), são os indicadores físicos mais apontados para a determinação da posição de um jovem jogador. A capacidade técnica parece ser também um forte indicativo no encaminhamento do atleta para um posto específico. Os treinadores relatam que as bases motora e técnica da modalidade em geral são trabalhadas por todos os atletas sem distinção; no entanto, alguns deles vão tendo destaque em alguns fundamentos específicos, que, aliados às suas capacidades físicas, resultam na funcionalidade do jogador, exemplificadas pelos treinadores 5 e 3:

“[...] antigamente nós encaminhávamos os mais altos logo para as funções de meio, para bloquear muito e atacar rápido, agora, quando aparece um garoto grande com bons níveis de coordenação, tentamos trabalhá-lo ao máximo para que ele seja bom na recepção e na defesa, porque cada vez mais a gente precisa de ponteiros altos e ágeis, além de poder fazer mais de uma função [...]” [Treinador 5]

“[...] claro que, quanto mais alto for o levantador, melhor, mas a gente não pode querer que qualquer jogador seja um levantador, a velocidade, a agilidade, a inteligência e sobretudo o domínio de toque é que vão determinar se o jogador tem o perfil, independente da sua altura [...]” [Treinador 3]

Os indicadores psicológicos também parecem estar relacionados com os indicativos da especialização funcional, mas parecem ser utilizados como um fator de sustentação das escolhas, após estas já terem sido feitas com base nas capacidades físicas e técnicas dos jovens. O excerto do treinador 9 reflete a

necessidade deste indicador para a posição específica do líbero:

“o garoto para jogar como líbero tem que ter a cabeça fria, ser confiante, porque em qualquer jogo, quando o time adversário vê que o líbero não está bem, bombardeiam ele no saque [...]”
[Treinador 9]

Independentemente do tempo ou da idade, a amostra apresentou referenciais de orientação que assentam, respectivamente, em ordem de relevância, nas capacidades físicas, técnicas e psicológicas dos jovens atletas. Estas orientações corroboram as três últimas fases de seleção desportiva descritas por Vossolovitch (2000), com início aos 15, 16 anos, no sentido de se verificar se as capacidades individuais dos jogadores correspondem às exigências específicas de cada posto, e em torno dos 19 e 20 anos se as expectativas são confirmadas, dando grande importância às características psicológicas, as quais são também enfatizadas por Anfilo e Shigunov (2004) em sua investigação como orientadoras na escolha de jogadores participantes da seleção brasileira infanto-juvenil.

Treino específico

Após serem definidos os principais requisitos que cada atleta deve possuir para compor os diferentes postos de jogo, buscou-se saber se já numa etapa especializada de treinamento algum jogador necessita de ser alvo de um treinamento específico, para além de seus companheiros, devido a alguma situação em particular ou mesmo por alguma característica de sua função de jogo.

De acordo com as respostas dos entrevistados, os levantadores (47,6%) e líberos (27,9%) recebem uma atenção diferenciada da oferecida aos outros postos. Segundo os seis treinadores que destacaram estes dois jogadores (T2, T3, T4, T5, T6, T9), ambos necessitam desenvolver mais a técnica do que os demais, pois desempenham funções específicas em que a precisão e a diversidade técnica são requisitos basilares, necessitando ter uma carga específica de treino.

Todos têm sua carga de treinamento específica, porém o volume de treinamento dos levantadores sempre é maior, devido a exigência técnica e precisão [...]. [Treinador 2]

[...] treinamentos específicos com o líbero e o levantador, porque eles têm que desenvolver a técnica apurada acima dos outros jogadores. [Treinador 9]

Outras três categorias também surgem na presente dimensão: *Jogadores com dificuldade técnica, Ponta e Central*. O treinador 8 explana que, para suprir lacunas surgidas ao longo do treinamento, os jogadores que demonstram níveis técnicos abaixo do esperado devem receber uma carga adicional de trabalho. O treinador 3 alega que os jogadores ponta e central, respectivamente em relação à recepção do saque e aos deslocamentos de bloqueio, devem realizar cargas específicas nestes domínios.

As respostas dos treinadores refletem, embora com maiores referências ao líbero e ao levantador, que os jogadores estão cada vez mais especializados em suas funções, otimizando desta maneira suas capacidades - tendências que Zimmermann (1995) antevia, nomeadamente pelo uso de jogadores cada vez mais altos, a diminuição do número de receptores para maior poderio de ataque, a maior flexibilidade dos sistemas defensivos, possibilitando grande ofensividade do saque e a melhor utilização dos sistemas de bloqueio. Esses referenciais Dias (2004) aponta como emergentes no jogo de voleibol mais recente.

Postos específicos

Os entrevistados foram inqueridos acerca das principais características que deve apresentar o jogador de voleibol no alto rendimento e também de que forma essas características diferem segundo os postos específicos.

No processo de definição dos jogadores para os diferentes postos, os treinadores revelaram basear-se nas qualidades apresentadas pelos jogadores de alto rendimento, referindo que no final do processo de formação desportiva os atletas devem exibir, ou no mínimo, revelar tendências de desenvolvimento na

especialização funcional. A amostra do estudo definiu as qualidades gerais do jogador de voleibol, assim como as principais características em cada posto a partir dos componentes técnicos, táticos, físicos e psicossociais.

Para o jogador de voleibol na sua generalidade, os treinadores destacaram principalmente a força (n=7) e a agilidade (n=3), além de distintas capacidades psicossociais como a dedicação (n=6), a responsabilidade (n=6), a disciplina (n=5), a confiança (n=3), além do prazer pela modalidade praticada (n=3). Estriga e Maia (2003) exaltam, em concordância com os resultados dos inqueridos, que a força e a agilidade são duas das principais características físicas que o jogador deve apresentar, enquanto os treinadores entrevistados no estudo de Fernandes (2004) atribuem grande ênfase à motivação para a prática. Anfilo e Shigunov (2004), estudando jogadores da seleção brasileira infanto-juvenil, referem que estes se destacam por apresentarem diferentes características nas capacidades psicossociais, como a capacidade de liderança, o espírito de equipe, a coragem e a determinação.

Para os entrevistados, o levantador, o qual tem a função de organizador do ataque da equipe, deve ser dotado particularmente de inteligência tática (n=8), grande virtuosismo técnico (n=7), força física (n=5), velocidade (n=5), liderança (n=4), precisão (n=3) e visão de jogo (n=3). As características levantadas para esta função corroboram os estudos de Mesquita e Graça (2002) realizados com levantadores de excelência do voleibol português e de Queiroga (2005) com seis levantadores da seleção nacional brasileira. Estes autores, além das características citadas, ainda destacam o espírito de grupo, o não-egoísmo, a confiança, a capacidade de ser estrategista e comunicador.

O líbero é outro jogador que, segundo os entrevistados, deve apresentar qualidades específicas relacionadas com a função de defesa e recepção. Neste sentido, os treinadores consideram que o líbero deve apresentar grande velocidade em deslocamento (n=9), virtuosismo técnico (n=8), domínio técnico-tático na recepção (n=6) e na defesa (n=4), particularidades que João et al. (2006)

descrevem como fundamentais para o atleta que desempenha esta função.

Quanto aos jogadores atacantes, a amostra do estudo indica principalmente as suas características técnicas e físicas. O jogador ponta deve ser dotado de grande domínio técnico da recepção (n=8), do ataque (n=5) e da defesa (n=3), aliado a uma grande força física (n=6) e velocidade (n=5), o que confirma as qualidades que Selinger (1986) advoga para este jogador. Além destas qualidades, Fernandes (2004) descreve ainda as de serem muito versáteis e possuírem elevados níveis de autoconfiança, já que normalmente sofrem grandes pressões no jogo, tanto no ataque - enfrentando bloqueios agressivos - quanto na recepção, por serem os mais visados pelo saque adversário.

Para os entrevistados, o jogador oposto necessita ter total domínio do ataque, de qualquer zona de solicitação (n=5), em conjunto com um elevado alcance (n=8), força física (n=8) e velocidade (n=4), o que vai ao encontro do defendido por Sellinger (1986) e Fernandes (2004); no entanto, o último autor adiciona elevados níveis de autocofiança e persistência, pois é o jogador mais requisitado nas funções de ataque da equipe.

Já o jogador central, além das qualidades técnicas de domínio de bloqueio (n=5) e de ataque (n=4), aliadas às capacidades motoras de força, velocidade (n=5) e alcance (n=7), deve apresentar características morfológicas de grande envergadura (n=5) e ampla visão de jogo (n=4) para desempenhar com mestria sua função de ataque com elevada velocidade e precisão, além de ser exímio bloqueador. Fernandes (2004) ainda sugere que esse jogador deve ter elevados níveis de motivação e paciência.

Da mesma maneira que na fase da especialização funcional, os treinadores brasileiros entrevistados enfatizaram para o jogador de alto rendimento, primordialmente, os indicadores físicos, seguidos dos técnicos e dos psicológicos. De fato, os treinadores entrevistados indicaram que o jogador de alto rendimento, independentemente da função que desempenha no jogo, deve possuir o desenvolvimento otimizado das seguintes componentes: físicas (n=81), técnicas (n=60), táticas (n=24) e psicossociais (n=12). Para as

doze referências psicossociais, os treinadores 4 e 10 relataram, respectivamente, 5 e 4 unidades, ou seja, em torno de 75% do total. Esta evidência sugere que a maioria dos treinadores brasileiros inqueridos não atribui grande importância às características psicológicas e sociais enquanto requisito do jogador de alto rendimento.

CONCLUSÃO

Os treinadores *experts* brasileiros entrevistados não chegaram a um consenso em relação à idade ideal para o início da especialização funcional. Também não foi definida uma sequência temporal para os diferentes postos; apenas sobressaiu a tendência de o levantador ser o primeiro posto a ser

definido. Complementarmente, para o início da especialização funcional, os treinadores apresentaram, em ordem de prioridade, respectivamente as capacidades físicas, técnicas e psicológicas dos jovens atletas.

Em relação à necessidade de um treinamento específico, os treinadores preconizaram os levantadores e os líberos, jogadores que atuam em postos em que a precisão e a diversidade técnica são fundamentais para o êxito da equipe em competição. Para caracterizar o jogador de alto rendimento foi verificado, em termos de prioridade, que os treinadores *experts* brasileiros consideram, sequencialmente, as componentes físicas, técnicas, táticas e psicológicas. É de notar que as características psicossociais dos jogadores de voleibol são pouco valorizadas no início da especialização funcional.

BRAZILLIAN EXPERT COACHES' CONCEPTIONS ABOUT FUNCTIONAL SPECIALIZATION PROCESS IN LONG TERM SPORT FORMATION OF VOLLEYBALL PLAYERS

ABSTRACT

The aim of the present study was to identify the conceptions of Brazilian expert volleyball coaches concerning the functional specialization process in the long term sport development of volleyball players. The sample showed a mean age of 45 years (± 13 years and eight months) and a mean of 24 years and eight months (± 12 years and one month) of coaching experience in Brazilian volleyball, all of them with a license degree in Physical Education. Data collecting was accomplished through structured open-answered interviews based on Fernandes' process (2004). Its content adaptation to Brazilian reality was accomplished through expert validation. The treatment of the information was accomplished through content analysis, with logic-semantic interpretation of the dominant ideas in the *corpus* of interviews. The reliability of codification was assured by agreement of the same encoder and of different encoders, registering values between 95% and 100%. Results revealed that the coaches didn't reach a consensus of the ideal age to begin the process of functional specialization for the young athletes, being based by relevance matter on physical, technical and psychological abilities. The coaches defend the need of a specific training mainly for the setter and libero players. Regarding competences of players in high performance, Brazilian coaches also prioritized in order of relevance, the physical, technical, tactical and psychological capacities.

Keywords: Sports. Volleyball. Coaches.

REFERÊNCIAS

- ANFILO, M. A.; SHIGUNOV, V. Reflexões sobre o processo de seleção e preparação de equipes: o caso da seleção brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 17-25, 2004.
- BAKER, J. Early specialization in youth sport: a requirement for adult expertise? **High Ability Studies**, [S.l.], v. 14, no. 1, p. 85-94, 2003.
- BALYI, I. **Sport system building and long-term athlete development in British Columbia**. [British Columbia]: SportsMed, 2001.
- BARBANTI, V. J. **Formação de esportistas**. São Paulo: Ed. Manole, 2005.
- BERMUDEZ, S. R.; CHAURRA, J. T. Orientações para a planificação do treino com crianças. **Revista Treino Desportivo**, Lisboa, v. 5, n. 21, p. 38-45, 2002.
- BERTUCCI, Bob (Ed). **AVCA Volleyball Handbook: The Official Handbook of the American Volleyball Coaches' Association**. New York: American Volleyball Coaches Association Masters Press, 1989.
- BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.
- BOMPA, T. **Total training for young champions**. Champaign: Human Kinetics, 2000.
- BRITO, N.; FONSECA, A.; ROLIM, R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 4, n. 1, p. 17-28, 2004.

- BURDEN, P. Teacher development. In: HOUSTON, W. R. **Handbook of research on teacher education**. New York: MacMillan, 1990.
- CÉSAR, B.; MESQUITA, I. Caracterização do ataque do jogador oposto em função do complexo de jogo, do tempo e do efeito do ataque: estudo aplicado no voleibol feminino de elite. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 59-69, 2006.
- COACHES Manual Level III. Canada: Canadian Volleyball Association, 1997.
- COTÊ, J. The influence of the family in the development of talent in sports. **The Sport Psychologist**, [S.l.], no. 13, p. 395-417, 1999.
- COTÊ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics Publishers, 2003. p. 89-113.
- COTÊ, J.; HAY J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. **Psychological foundations of sports**. 2nd. ed. Boston: [s.n.], 2002. p. 114-132.
- DIAS, C. A distribuição no voleibol: aplicar uma estratégia eficaz. **Revista Treino Desportivo**, Lisboa, v. 24, p. 51-59, 2004.
- ESTRIGA, L.; MAIA, J. Um estudo exploratório com treinadores e docentes de voleibol sobre a orientação desportiva de crianças e jovens. In: MESQUITA, I.; MOUTINHO, C.; FARIA, R. **Investigações em voleibol: estudos ibéricos**. Porto: FCDEF, 2003. p. 88-106.
- FEDERATION INTERNATIONALE DE VOLLEYBALL. **Coaches Manual**. Lausanne, 1989.
- FERNANDES, J. J. M. **Concepção dos treinadores experts acerca do modelo de formação desportiva do voleibolista português**. 2004. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto)–Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2004.
- GIRÁLDEZ, V. A.; PATIÑO, M. J.; SOIDÁN, J. L. **La iniciación deportiva: un enfoque multidisciplinar**. Espanha: Associação Atlética Galega, 2006.
- GONZÁLEZ, C. **Análisis del esfuerzo en el juego del voleibol, traz los nuevos cambios en el reglamento mediante una observación sistemática y una medición telemétrica y lactacidémica**. 2001. 312 f. Tese (Doutoramento em Ciências do Desporto)–Universidade de Granada, Granada, 2001.
- JOÃO, V. P.; MESQUITA, I.; MOUTINHO, C.; SAMPAIO, J. Análise comparativa entre o jogador líbero e os recebedores prioritários na organização ofensiva, a partir da recepção ao serviço, em voleibol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 5, n. 2, p. 318-328, 2006.
- MAIA, N.; MESQUITA, I. Estudo das zonas e eficácia da recepção em função do jogador recebedor no voleibol sênior feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 257-270, 2006.
- MARTIN, D. Capacidade de performance e desenvolvimento no desporto de jovens. In: ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. **Seminário Internacional Treino de Jovens**. Lisboa: Secretaria do Estado do Desporto, 1999. p. 43-58.
- MESQUITA, I.; GRAÇA, A. O conhecimento estratégico de um distribuidor de alto nível. **Revista Treino Desportivo**, Lisboa, v. 17, p. 15-20, 2002.
- MOUTINHO, C. **Estudo da estrutura interna das ações da distribuição em equipas de voleibol de alto nível de rendimento: contributo para a caracterização e prospectiva do jogador distribuidor**. 2000. 383 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto)–Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2000.
- MOUTINHO, C.; MARQUES, A.; MAIA, J. Estudo da estrutura interna das ações da distribuição em equipas de voleibol de alto nível de rendimento. In: MESQUITA, I.; MOUTINHO, C.; FARIA, R. **Investigação em voleibol: estudos ibéricos**. Porto: FCDEF, 2003. p. 107-129.
- QUEIROGA, M. A. **O conhecimento tático-estratégico do distribuidor de alto nível: um estudo com distribuidores das seleções brasileiras de voleibol feminino e masculino**. 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto)–Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2005.
- SELINGER, A. **Arie Selinger's power volleyball**. New York: St. Martins, 1986.
- TABACHNICK, B.; FIDELL, L. S. **Using multivariate statistics**. 3rd. ed. New York: Harper Collins, 1996.
- THEULE, F.; THEULE, E. Le volley-ball en l'an 2000 etat des lieux et perspectives. Dossier: les noveles regles. **Volley France Tech**, [S.l.], v. 8, p. 5-10, 2000.
- VAN DER MARS, H. Observer reliability: Issues and procedures. In: DARST, P.; MANCINI, V. **Analysing Physical Education and Sport Instruction**. 2nd. ed. Champaign: Human Kinetics, 1989.
- VOLOSSOVITCH, A. Aspectos metodológicos da selecção de talentos desportivos. **Revista Treino Desportivo**, Lisboa, v. 3, n. 3, p. 2-7, 2000. Edição especial.
- WEINECK, J. **Treinamento ideal**. 9. ed. São Paulo: Manole, 1999.
- ZIMMERMANN, B. Trends and Future development of top level Men's volleyball. **International Volley Tech**, [S.l.], v. 1, p. 4-11, 1995.

Recebido em 12/05/2008
 Revisado em 28/09/2008
 Aceito em 22/10/2008

Endereço para correspondência: Michel Milistedt. Travessa Santa Inês, 98, Bacaheri, CEP 82515-220, Curitiba-PR, Brasil. E-mail: michel_canhoto@hotmail.com